

# A MOTIVAÇÃO DO COMBATENTE BRASILEIRO

Gen Div Fernando Rodrigues Goulart

O General de Divisão Goulart foi declarado aspirante-a-oficial de Infantaria em 1980 pela Academia Militar das Agulhas Negras. É paraquedista, comandos e operador de forças especiais. Doutor em ciências militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, com uma especialização na Academia de Comando das Forças Armadas da Alemanha, comandou o 62º Batalhão de Infantaria (Joinville, SC, 2004/5). Esteve a serviço da ONU na ONUMOZ (Moçambique, 1993), na UNMIN (Nepal, 2007) e no DPKO (Nova Iorque, 2008/9). Como oficial general, comandou a 8ª Brigada de Infantaria Motorizada, a Força de Paz das Nações Unidas na MINUSTAH (Haiti) e a 6ª Divisão de Exército. Foi Subchefe do COTER e Chefe do CCOp do CMS. Atualmente é o Vice-Chefe de Assuntos Estratégicos no Ministério da Defesa (frgoulart@hotmail.com).



Vigiavam todas as noites sem cessar; passavam os dias sem descansar; tinham por casa o céu e a terra por cama; expostos ao frio e à lama, padecendo muitas fomes e sedes. [...] Menos sentiam, porém, falta que a de armas e munições, a qual era tanta que o soldado que disparava o segundo tiro não tinha com que atirar o terceiro. [...] E os nossos matavam uns holandeses para poder matar outros, servindo-se da pólvora que tomavam aos primeiros para atirar nos segundos. E com ser tão grande essa falta, nunca aos nossos faltou ânimo.

Padre Antônio Vieira, sobre a expulsão dos holandeses.

Apesar do avanço tecnológico das últimas décadas e sua contínua aplicação às capacidades militares, o homem continua sendo um elemento essencial no campo de batalha. Assim sendo, a motivação individual para combater continua a representar um componente essencial do poder de combate de qualquer tropa. Em muitos casos, a disposição para combater será o diferencial entre as forças que se enfrentam, seja nos campos de batalha convencionais, seja nas zonas de operações de baixa intensidade.

O presente ensaio visa agregar conhecimentos ao estudo da motivação para o combate [1]. Vai-se analisar brevemente,

sob a perspectiva de sua formação histórica e segundo os pontos de vista psicológico e sociológico, o perfil do homem brasileiro e sua aptidão para o enfrentamento armado.

As características sócio-culturais de uma nação costumam perdurar por séculos e perpassar gerações a fio, influenciando de forma significativa a maneira da sociedade trabalhar, empreender e produzir resultados, inclusive na guerra. O estudo da formação e da evolução da nacionalidade brasileira permite, portanto, chegar a conclusões importantes a respeito do valor do combatente brasileiro e firmar o entendimento sobre as circunstâncias de sua atual motivação para combater.

## PERFIL PSICOLÓGICO DO BRASILEIRO

O estudo psicológico de um indivíduo remete a considerações acerca de seu caráter, noção essa que se situa entre o temperamento – conceito vinculado aos atributos físicos e fisiológicos da pessoa – e a personalidade, construção parcialmente voluntária, que tem por base o temperamento, mas é condicionada pela experiência adquirida ao longo da vida.

Entretanto, quando se pretende estudar a *psique* coletiva ou aplicar o conceito de caráter a uma nacionalidade surgem dificuldades. Afinal, “o caráter de uma nação é função do número de indivíduos, naquela coletividade, que tem o mesmo caráter? Ou se situa abaixo do nível da psicologia individual, no plano que os antropólogos chamam de cultura?” (ARON, 2002, p. 378).

Considerando que cada coletividade tem sua própria hierarquia de valores e que educa suas crianças a sua maneira, tudo isso constituindo um “protocolo” que a caracteriza, Raymond Aron prefere tomar, para a definição de “caráter” coletivo, os fundamentos culturais, ao invés do “somatório” de psicologias individuais.

Alinha-se, nesse ponto, aos cientistas sociais do século XX que refutaram a relação direta entre raça e características psicológicas. Entre esses situa-se Gilberto Freyre, para quem o critério histórico-cultural devia prevalecer sobre o fisiológico e o psíquico na discriminação das características étnicas de um povo.

A julgar por essas posições, pode-se considerar que existem características psicoculturais de um povo, determinadas pelas interações no campo psicossocial e pela influência que o sistema de valores e a educação transmitida de geração a geração tem sobre os indivíduos. Isso tudo leva ao surgimento de atitudes comuns e sua paulatina absorção pelos mais jovens.

No Brasil, a conjunção das raças branca, índia e negra levou a uma grande miscigenação e gerou uma sociedade etnicamente diversificada e culturalmente híbrida, mas mesmo assim é possível definir um núcleo de traços comuns aos brasileiros. Na investigação desse perfil, pretende-se destacar os traços relacionados com a atividade bélica.

branco brasileiro às considerações a respeito daquela nacionalidade.

O português já não era uma “raça” pura quando aportou no Novo Mundo, devido à miscigenação secular decorrente dos contatos, na Península Ibérica, de populações de origem céltica com povos africanos e com as legiões romanas; depois, com levadas sucessivas de bárbaros e, por fim, novamente, com mouros, árabes e berberes. Fruto desse intrincado processo de formação, o português adquiriu um caráter multifacetado, propício tanto à paz como à guerra, como descreve Gilberto Freyre:

O caráter do português [...] é como um rio que vai correndo muito calmo e de repente se precipita em quedas de água: daí passar do “fatalismo” a “rompantes de esforço heroico”; da “apatia” a “explosões de energia na vida particular e a revoluções na vida pública”; da “docilidade” a “ímpetos de arrogância e crueldade”... (2005, p. 69).

A faceta guerreira do lusitano foi forjada no curso das muitas invasões de que sua terra foi alvo, ao longo das guerras contra os castelhanos e, em especial, pelo prolongado estado de conflito causado pelo contato tenso entre a Europa e a África. Desse modo, de Portugal vieram para o Brasil aventureiros de espírito combativo, familiarizados com as coisas da guerra e afeitos aos desafios e às lutas, pendores que foram muito cedo exercidos e fomentados na própria colônia.

Os colonizadores brancos trouxeram, portanto, para a população que se formou na nova terra, um evidente traço de agressividade *in casu belli*.

### O índio

A influência do caráter do índio no modo de ser do brasileiro é grande, particularmente no nordeste e no norte do País. Entre as especificidades desses traços de caráter destacam-se, apesar de uma certa dose de introversão, o espírito de liberdade, a impulsividade, a coragem física e o espírito belicoso. Tais qualidades foram



Índios, brancos e negros, todos brasileiros desde Guararapes.

## TIPOS INTEGRANTES DA NAÇÃO BRASILEIRA

### O branco

A influência europeia que predominou no Brasil foi a do português descobridor, razão pela qual é possível simplificar o estudo do

fomentadas por séculos de lutas entre tribos rivais e levaram à significativa participação dos silvícolas nas lutas pós-descobrimento, às vezes contra os portugueses, mas na maior parte das vezes a seu favor. São inúmeras as menções, nos anais da história do Brasil, ao destemor demonstrado pelos índios nas lutas contra invasores e corsários, contra as tribos rivais do colonizador lusitano e contra os espanhóis.

Forte, rústico e adaptado ao terreno, foi notável a disposição que o índio sempre apresentou para a luta, particularmente, como expressa Darcy Ribeiro (2006), ao enfrentar, unicamente com tacapes, zarabatanas, arcos e flechas, invasores europeus armados de canhões e arcabuzes.

#### O negro

Os negros escravos chegaram ao Brasil, em grande escala, a partir do fim do século XVI, para ser o melhor aliado do português nas lides da Colônia. Formavam raça emotiva e alegre, mas muito sujeita aos “banzos”, saudades da terra e da família distantes, das quais foram separados pela escravidão. Humildes

no trato, sem o espírito belicoso dos índios e dotados de forte espírito fatalista, os negros participaram significativamente de campanhas militares importantes na formação do Brasil, como a Insurreição Pernambucana e a Guerra do Paraguai. Muitas foram as qualidades apresentadas por esse grupo nas lides militares, como a robustez, a rusticidade e a resistência; a adaptabilidade e a obediência.

#### O mestiço

Os mestiços ou “pardos” são, na realidade, de muitos tipos: mulatos, caboclos ou mamelucos, cafuzos e outros oriundos das misturas desses entre si. Eles estão presentes em todas

as regiões, embora a mestiçagem com o negro predomine no Sudeste e na Bahia e, com o índio, no Nordeste, no Centro-oeste e no Norte.

Alguns antropólogos preferem considerar o mestiço como alguém que “não é”. Por não pertencer a uma “raça pura”, cujos traços são bem delineados, eles incorporariam complexos, incertezas no caráter e vacilações nas atitudes. No nosso entendimento, porém, tal linha de pensamento é pouco aplicável ao Brasil, país onde a mistura de raças tem ocorrido desde tempos ancestrais e onde essa progressiva formação da nacionalidade transformou o mestiço, longe de um pária, em um tipo comum e bem integrado na sociedade. Assim sendo, a análise dos traços de caboclos, mulatos e mamelucos é esclarecedora quando

se pretende estudar o perfil do brasileiro.

Darcy Ribeiro atribui às gerações iniciais de mamelucos, ou “brasilíndios” um grande valor na conquista e civilização do Brasil, mercê de sua “rusticidade de meio-índios, incansáveis nas marchas longuíssimas (das bandeiras) e sobretudo no trabalho de remar, de sol a sol, por meses e meses [2]”. Além disso,

tinham como valor uma grande adaptabilidade às circunstâncias, “com a consistência do couro, não a do ferro e do bronze”, como diz Sérgio Buarque de Holanda [3].

Euclides da Cunha reconheceu o valor do caboclo brasileiro para a guerra, atividade em torno da qual ele o estudou. Para o autor de “Os Sertões”, o sertanejo era bravo e destemeroso, resignado e tenaz, mas de profunda religiosidade e apegado à honra e às tradições. Euclides referiu-se a ele:

como sendo, antes de tudo, um forte, mas também desgracioso, desengonçado, torto. [...] É o homem permanentemente fatigado. Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado

**O estudo da formação e da evolução da nacionalidade brasileira permite, portanto, chegar a conclusões importantes a respeito do valor do combatente brasileiro e firmar o entendimento sobre as circunstâncias de sua atual motivação para combater.**

[...]. Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-lo desaparecer de improviso [...]. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se [...] e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. (CUNHA, 2003, p.118)

Gilberto Freyre apresenta uma visão diferente de Euclides da Cunha no tocante à gênese do homem do sertão, pois afirma que ele é fruto da mistura das três raças básicas do Brasil, e não exclusivamente de índios e brancos. Por isso, é a essa mestiçagem mais ampla que o sociólogo pernambucano atribui as virtudes que Euclides exalta no sertanejo e no jagunço.

### O brasileiro típico

Manoel Bonfim [4] não apresenta, em seu trabalho, uma visão francamente positiva do brasileiro, pois embora lhe reconheça a hombridade patriótica, a sobriedade e a resistência, condena-lhe o entusiasmo intermitente, a ausência de vontade e a inconstância no querer. Diversos outros autores, porém, ressaltam relevantes qualidades no caráter nacional.

Segundo Rodrigues, o brasileiro tem como traços marcantes o espírito conciliador e uma profunda humanidade. São também patentes sua tolerância, sua criatividade espontânea e sua grande capacidade de adaptação, seu espírito aventureiro e seu entusiasmo fácil. Outros traços que podem ser atribuídos ao homem brasileiro são a emotividade, a afetividade e o apego à família. Finalmente, deve-se citar o caráter cordial do brasileiro e também o individualismo identificado por Fernando de Azevedo [5], que embora conduza a “sentimentos de audácia, coragem e altivez”, alimenta igualmente a dispersão, a indisciplina e os conflitos.

Alguns sustentam, ainda, que o brasileiro é amante da paz, mas essa assertiva deve ser

recebida com ressalvas. Pode-se afirmar que ele é avesso à violência, mas desde que não esteja configurado caso em que seja necessário defender sua dignidade e sua honra. Isso é corroborado tanto pela aversão que o brasileiro também nutre pelo arbítrio e pela prepotência, como por seu impulso a defender o que é justo, como pode ser comprovado pelas muitas lutas empreendidas pelo Brasil em defesa de causas legítimas, como a Guerra da Tríplice Aliança e a campanha da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália.



Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália

## **CARACTERÍSTICAS COMBATIVAS DO BRASILEIRO**

Conforme foi indicado, o brasileiro possui qualidades que o habilitam para o combate, como o entusiasmo, o ímpeto guerreiro, o espírito aventureiro, a rusticidade, a adaptabilidade, a criatividade e o desejo de autoafirmação. Outras características suas, no entanto, não contribuem para o bom desempenho na guerra, como o fatalismo [6] e a inconstância, o individualismo e a humanidade exacerbada. Teçamos considerações acerca dos traços que merecem ser enfocados com mais atenção.

O entusiasmo fácil, mas fugidio, favorece a motivação do brasileiro, mas pode implicar rápida perda de ânimo, no caso de insucesso militar. Por outro lado, o fatalismo e a inconstância são traços prejudiciais à guerra, pois comprometem a esperança no futuro e a confiança na vitória, fatores importantes de motivação.

A criatividade e a capacidade de adaptação são qualidades muito importantes para o combatente, especialmente em um conflito como o de resistência. São elas que permitem ao soldado valer-se da astúcia, para empregar os meios que o ambiente e a situação oferecem, em benefício da missão a cumprir.

O individualismo e a faceta impressionável no caráter do brasileiro também condicionam a motivação. O primeiro traço retrata uma limitação para a plena inserção do indivíduo na coletividade, o que é um empecilho à coesão. Já o caráter impressionável pode ampliar o efeito dos boatos e facilitar a guerra psicológica do inimigo.

O sentimento de autoafirmação, representado pela hombridade à flor da pele, é uma

característica do homem que pode impulsionalo a lutar para provar seu valor. Mas os comandantes de tropa devem orientar bem seus soldados, a fim de que essa ânsia por autoafirmação não se transforme em um exercício de imprudência.

Por fim, observa-se que, fruto de seu caráter cordial e sua tolerância, o brasileiro não é propenso ao ódio. Esse sentimento até pode aflorar nas guerras, fruto do nível de violência observado e da arbitrariedade do inimigo, mas não prevalece. Por outro lado, é preciso cuidar para que o notável traço de humanidade presente no brasileiro típico não venha a ser um problema para o desenvolvimento, na tropa, da agressividade necessária para combater com eficiência.

#### FATORES DE MOTIVAÇÃO DO COMBATENTE BRASILEIRO

Via de regra, a motivação decorre de uma necessidade que, pressionando o indivíduo, o faz adotar comportamentos específicos, com a finalidade de satisfazê-la. Na guerra, por exemplo, uma necessidade como a de

| PERFIL (atitude)   | NECESSIDADE   | FATOR MOTIVADOR   |
|--|---|---|
| Fatalismo pessimista e inconstância (ou falta de consistência) | Crer na possibilidade de sucesso.   | - Esperança de vitória<br>- Eficiência da Força<br>- Liderança<br>- Confiança |
| Individualismo   | Preservar a própria segurança na guerra, pertencendo a um grupo militar.  | - Coesão  |
| Humanidade, religiosidade.                                     | Superar resistências de cunho ético e religioso para combater e matar.  | - Legitimidade da causa<br>- Adestramento                                     |
| Afetividade e apego à família.                                 | Segurança (para poder voltar a salvo para casa).  | - Substituições e revezamentos  |
| Autoafirmação  | Mostrar valor.  | - Dever a ser cumprido<br>- Reconhecimento<br>- Adestramento                  |
| Entusiasmo   | <b>Essas qualidades são facilitadoras do comportamento combativo, funcionando como motivadoras por si mesmas.</b> |   |
| Espírito de aventura   |   |   |
| Adaptabilidade e criatividade                                  |   |   |

estima pode gerar motivos, como o desejo de aprovação e reconhecimento, que por sua vez leva o homem a combater para lograr a aprovação e o reconhecimento por que anseia. Coerente com esse entendimento, é possível relacionar as características psicoculturais do brasileiro com necessidades que elas podem provocar no combatente, para então identificar motivadores vinculados nessa conjuntura. A tabela da página anterior expõe essa metodologia.

Portanto, o militar brasileiro é (ou pode ser) motivado em combate pela esperança de vitória, pela eficiência da força, pela legitimidade da causa, pela liderança, pela coesão da fração a que pertence, pelo reconhecimento, por seu treinamento e adestramento, pela possibilidade de substituição após permanência prolongada em campanha, pelo sentimento do dever e pela confiança nos líderes, na eficiência da fração e em si próprio.

Embora possam existir outras motivações, de caráter mais individualizado, os motivadores citados são os mais importantes

à luz das características sócio-culturais do povo brasileiro.

## CONCLUSÃO

Dentre os motivadores mencionados acima, deve-se salientar o sentimento do dever, a legitimidade da causa, a eficiência da força, a liderança e a coesão como os mais relevantes [7], que devem merecer especial atenção na formação afetiva nas escolas militares e nos corpos de tropa. Mas não se deve esquecer da confiança. Com efeito, para que a liderança, a coesão e a eficiência da força, por exemplo, funcionem como fatores motivadores, é necessário que se confie no comandante e nos companheiros da fração, e que se acredite na competência deles e na capacidade operacional da força como um todo.

Do que foi exposto, depreende-se claramente a elevada importância da motivação para a otimização do desempenho individual em combate e, em consequência, para o aumento da eficiência da tropa como um todo.

## REFERÊNCIAS

- ARON, Raymond. **Paz e Guerra entre as Nações**. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília / Instituto de Pesquisa e Relações Internacionais, 2002.
- BRASIL. Exército. Estado-Maior. **História do Exército Brasileiro**: perfil militar de um povo. Brasília, DF, 1972.
- CERQUEIRA, Evangelista de Castro Dionísio. **Reminiscências da Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1980.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Record, 2003
- DAVIDOFF, Linda. **Introdução à Psicologia**. Tradução de Auriphebo Berrance Simões, Maria da Graça Lustosa. São Paulo: Editora McGraw-Hill, 1983.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 50. ed. São Paulo: Global, 2005.
- GOULART, Fernando. **Ação sob Fogo!** Fundamentos da motivação para o combate. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2012.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O Extremo Oeste**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LEITE, Dante Moreira. **O Caráter Nacional Brasileiro**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969.
- MOTTA, Aricildes de Moraes (org.). **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial** (Coletânea de entrevistas em 08 volumes). Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2001.
- RODRIGUES, José Honório. **Características do Povo Brasileiro**. A Defesa Nacional. n. 752, p. 36 – 58, abr. / jun. 1991.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

## NOTAS

- [1] Vide livro "Ação sob Fogo: fundamentos da motivação para o combate" (Goulart, Fernando; BIBLIEX, 2012).
- [2] RIBEIRO, 2006, p. 97.
- [3] HOLANDA, 1986, p. 29.
- [4] In LEITE, Dante Moreira. O Caráter do Brasileiro.
- [5] AZEVEDO apud LEITE, Dante Moreira. Ibidem, p. 296.
- [6] Atitude que admite que o curso da vida está previamente fixado, sendo a vontade ou a inteligência impotentes para dirigi-lo ou alterá-lo. Pode-se observar, portanto, que o fatalismo pessimista é bastante prejudicial ao comportamento motivado em combate.
- [7] Vide pesquisas sobre o assunto realizadas com ex-combatentes brasileiros na II Guerra Mundial e integrantes das tropas de paz brasileiras no Haiti em GOULART, 2012, p. 105 - 107.